

CARLOS RIBEIRO | Contista, cronista, romancista, jornalista e professor. Publicou onze livros, com destaque para *Abismo* (2004), *Lunaris* (2007) e *Rubem Braga: um escritor combativo, a outra face do cronista lírico* (2013). Prêmio da Academia de Letras da Bahia: melhor livro de contos de 1988. Torceu pelo Bahia durante a infância e a adolescência. Hoje, assiste apenas às partidas do Brasil.

ELEGÂNCIA¹

Cinco de julho de 1982. Repórter Roberval Têilor Miranda de Assis Neto, direto para o Jornal da Faculdade. [Empostando a voz]. Telê Santana, em entrevista, disse com absoluta segurança que seu time permanecerá "tranquilo e atrevido", para o jogo decisivo de hoje à tarde, contra a Itália, no estádio Sarriá, em Barcelona. Afirmou que, muito embora o empate classifique o Brasil, "sem nos expor, vamos jogar para vencer". O técnico da Seleção Canarinho afirmou, também, para Alfredo, o manco, que poderá contar com o Zico, em que pese às afirmações do médico Neylor Lasmar, de que, "se a partida fosse ontem, ele não jogaria". Você acredita? Josenildo lembrou, conferenciando com o técnico, que, "apesar de permanecer a panturrilha — batata da perna — inchada, em consequência da violenta entrada do zagueiro de área Passarela, no jogo com a Argentina, sexta-feira passada, Zico, segundo os próprios jogadores do Brasil, dificilmente ficará fora da partida desta tarde, decisiva pelo Grupo C", que não é nenhuma vitamina, fique isto bem claro, nesta segunda fase da Copa do Mundo. Telê garante, conforme disseram os laterais Leandro e Júnior, que "o Galinho de Quintino não é de pipocar, principalmente em jogos importantes, como o de hoje". Por sua vez, garantiu a Etelvina que, para o treinador italiano, Enzo Bearzot, "o Brasil é o favorito para a competição de logo mais". Dizem as más línguas que o selecionado da Itália vive uma das maiores crises da sua história e que "apresentará o mesmo quadro que derrotou a Argentina, semana passada, e uma marcação diferente para enfrentar o Brasil: um misto de homem a homem e por zona" — "Que não é a do agrião, eh, eh!" — pilheriou Oswaldo, aliás, muito do sem graça. Josenildo, ou Neylor, não lembro bem agora, informou que Abraham Klein, de Israel, apitará o jogo, auxiliado pelos bandeirinhas Chatam Sun e Dotschev, o que, não vou mentir, me deixou escabreado — caramba! —, não sei o que achará disso a OLP, e os árabes, e o Arafat, que por qualquer toma-lá-dá-cá, já sai

¹ O autor esclarece que algumas citações e depoimentos presentes neste conto foram retirados da reportagem *Canarinhos voam de volta hoje*, sem menção a autor e publicada na edição de 6 de julho de 1982, do jornal *A Tarde*, Salvador, BA.

explodindo com a porra toda. Mas o Eremilton, com aquele seu jeito de botar panos quentes, me garantiu que uma coisa não tem nada a ver com a outra, mesmo porque Arafat tem mais o que fazer do que ficar assistindo aos jogos da Copa do Mundo, e que os brasileiros e italianos já atuaram, disse ele, “oito vezes com quatro vitórias para o Brasil e quatro para a Itália, havendo também igualdade em número de gols feitos e tomados: 13”. Porra, falei, mas este número dá um azar desgraçado, e o que, afinal, tem isso tudo a ver com a merda dos árabes e da OLP? Foi quando chegou Nina, a fofinha, que me levou para almoçar no restaurante natural, e falei para ela que eu estava cobrindo a Copa do Mundo para o jornal da faculdade. Ela não vibrou tanto quanto eu gostaria, mas garanti que a colocaria na matéria assim mesmo, o que a transformaria numa pessoa famosa, pois, “o jornal da faculdade é lido pra cacete”. Fiquei espantado, na verdade, com o fato de ela ignorar quase tudo sobre o esporte. Não sabia nem que o Brasil disputava a Copa (só faltou perguntar se ele jogava na cozinha, eh, eh), de forma que disse para ela, apenas e tão somente, que, tão certo como dois e dois são quatro, a Seleção Brasileira arrancará hoje para o tetracampeonato com vantagem de três gols, no mínimo! Disse que “ontem foram conhecidas as duas primeiras seleções semifinalistas: a França, vencedora do Grupo D, ao derrotar a Irlanda por 4 a 1, em Madri, no Vicente Calderón, e a Polônia, campeã do Grupo A, ao empatar em 0 a 0, com a União Soviética, em Barcelona, no CampNou”. Ela não demonstrou entusiasmo em saber que “a França enfrentará, no dia 8, quinta-feira próxima, Inglaterra ou Alemanha, vencedor do Grupo B, e a Polônia, nesta mesma data, terá como adversário o campeão do Grupo C: Brasil ou Itália”. Claro que será o Brasil.

#

Poxa, não foi. O editor disse que eu devo dar esta notícia “com emoção”. Mas a verdade mesmo é que estou completamente desanimado com o resultado. Disse a Etelvina que é a segunda vez na história das Copas do Mundo que “a Seleção Brasileira perde uma partida decisiva para a Itália”. A derrota por 3 x 2, no Estádio do Sarriá, em Barcelona, segundo Eremilton, “antecipou o retorno da delegação brasileira para hoje, no Boeing 727, fretado pela CBF”. “A chegada”, diz ele, “está prevista para as 10 horas, no Rio de Janeiro”. “Mesmo tendo a vantagem do empate, a equipe de Telê Santana falhou inúmeras vezes, permitindo que os italianos ganhassem moral e conseguissem chegar ao triunfo”. E agora, eh, eh, engraçada mesmo ficou a situação de Júnior, o lateral-cantor, com sua música “Voa, canarinho, voa”, que se tornou o *hit* da seleção canarinho. Voa, canarinho, voa, voa

de volta para o Brasil, voa, canarinho de merda, vá pra puta que o pariu! Mas, oh, desculpe, não posso colocar palavrões na reportagem, segundo o idiota do professor que vive me cobrando “objetividade”. Ele quer que eu seja claro e objetivo e que coloque emoção na matéria, mas sem usar palavras chulas, está entendendo? Disse também que essa matéria está muito confusa, que não está entendendo nada e que, se eu não fizer as correções sugeridas por ele, vai ser obrigado a me dar nota zero. Z-E-R-O. Bem, então devo dizer o quê? Devo dizer que merda, que porra do quê? Sim, Etelevina diz que devo me acalmar, “você já viu os repórteres na tevê saírem xingando Deus e o mundo apenas por que o seu time perdeu a merda da Copa?”. Então, o Eremildo me lembra que “no Mundial de 1938, na França, a Itália derrotou o Brasil por 2x1, também nas quartas-de-final, fazendo os brasileiros retornarem bem mais cedo para casa”. Em 1970, no México, diz ele, “o Brasil goleou os Italianos por 4 x 1, vingando-se de 1938”. E ontem, hein, Eremildo? Que porra de merda de droga, que sacanagem foi que aconteceu ontem, hein, Eremildo? E ele responde, com sua habitual elegância: “Ontem, em Barcelona, a Itália de Paolo Rossi, acabou com o sonho do tetracampeonato brasileiro, deixando frustrada uma torcida de 120 milhões de pessoas”. E como é que eu posso manter a objetividade numa situação dessa, hein, Eremildo?

#

O professor, que é um babaquinha do cacete, quer que eu continue escrevendo, agora, sobre os desdobramentos do desastre. Disse, mais uma vez, que devo ser objetivo, mas sem perder a emoção (*hay que ser objetivo, pero sin perder la emoción jamás*), que não devo colocar palavrões na matéria e que não devo meter assuntos e pessoas que não tenham nada a ver com o “universo esportivo enfocado”. Tem bem razão os meus colegas do DCE, quando dizem que a qualidade do ensino hoje em dia é uma droga. (Lembrar de cortar isto no *copydesk*). Bem, mas voltando à vaca fria, temos que reconhecer que a Itália foi mesmo perfeita nos contra-ataques e ficou, realmente, muito difícil evitar os gols. “Eles vinham sempre pelo lado mais perigoso”, disse o zagueiro Oscar. “Tocavam certo e chutavam com precisão. O que fazer?” — arrematou, abatido, e falando baixo. Eremildo foi certo quando observou que ele, o zagueiro Oscar, “foi um dos últimos a deixar o vestiário e não queria entrar em grandes detalhes a respeito de falhas ou erros da Seleção Brasileira”.

— Não dá para culpar a defesa. Não há porque acusar alguém. A Itália jogou melhor e ganhou. Acontece — disse o zagueiro Oscar, segundo Eremildo, que acrescentou:

— Triste, o zagueiro concordava que o Brasil poderia “ter segurado mais a bola” e obrigado os italianos a jogar no ataque, pelo menos enquanto a partida estava empatada”.

— Nisto, realmente, bobemos. Tivemos três empates que nos classificavam: zero a zero, um a um, e dois a dois. Em nenhum deles tivemos calma suficiente para jogar atrás e deixar que *eles* viessem. Fomos querer avançar, vejam no que deu!

A essa altura o leitor estará se perguntando: como pode ele (no caso, eu) ter conseguido a entrevista com o Oscar, sem sair de Salvador? Ahá! Perguntem ao Eremildo! Poxa, Eremildo é um repórter do cacete. É o meu correspondente especial na redação de *A Tarde*, nosso mais importante jornal, onde trabalha como *office-boy*. Mais que um correspondente, ele é um perfeito espião. Basta chegarem as informações das agências de notícia, pelo telex, para ele ficar lá, de butuca, copiando tudo num caderninho. Assim, mantenho minha “cobertura” atualizada, sem que a topeira do professor se digne a me dar um elogio. Mas, conforme estava dizendo o Eremildo, o zagueiro reconheceu também que a Seleção Brasileira custou muito a se encontrar na partida de ontem:

— Repetimos o velho erro de sempre. Custamos a nos encontrar nos primeiros dez minutos. Hoje, não deu.

O regulamento da Copa também foi criticado pelo zagueiro brasileiro:

— Perdemos o jogo que não podíamos perder. A Itália, que empatou três vezes, está nas semifinais e nós estamos fora. A Argentina, antes do jogo contra nós, já tinha perdido duas vezes e não estava desclassificada ainda. Coisas de Copa do Mundo. Graças a isto fomos desclassificados.

Entendeu, ô topeira?

#

— Não falei antes para não tumultuar, mas que fui injustiçado, isto não há dúvida. Não tem cabimento jogar dois anos como titular absoluto e depois ser sacado assim, sem mais nem menos.

A declaração, bombástica, é do Paulo Isidoro, uma das bombas do Telê que deram chabu. Ou melhor, que nem foram jogadas.

“No vestiário do Brasil, enquanto esperava fazer efeito os inúmeros refrigerantes e cervejas que tomou para poder se submeter ao exame antidoping, Paulo Isidoro não

poupava críticas ao técnico Telê Santana”, disse Eremildo, na sua inabalável posição de correspondente especial X-9 do Jornal da Faculdade. Segundo ele, Isidoro não falava diretamente, mas deixava clara a sua insatisfação.

— Estou desiludido, muito triste mesmo. Na verdade, fui eu o maior prejudicado de toda essa história. Era titular absoluto, jogava no sacrifício, fora de minha verdadeira posição e, na última hora, vieram dois de fora [Falcão e Dirceu] e eu acabei sobrando. Não achei justo nem certo. Acho que, se tivesse ficado no time, a história poderia ter sido outra. Nos dois últimos jogos, principalmente, o Brasil não teve ninguém, absolutamente ninguém na ponta-direita.

No desabafo, Paulo Isidoro justificava como “uma necessidade” falar algo num momento tão triste:

— Não dá pra ficar calado. Se não falei antes foi pra não tumultuar o ambiente da seleção, que, honestamente, queria ver campeã. Agora, porém, tenho que falar o que penso, não dá para voltar pro Brasil com isto tudo encravado na garganta.

Sobre o jogo de ontem, Isidoro falou pouco, muito pouco.

— Entrei no finalzinho e não deu nem para entrar no ritmo dos outros. Quando substituí o Serginho, estava 2x2. Quando comecei a aquecer, a Itália fez 3x2. Bem que eu corri e tentei o possível, mas não podia fazer milagres. Só posso lamentar não ter jogado desde o início, na posição que treinei durante dois anos e, tenho certeza, me saí muito bem.

Agora veja, ô Etelvina! Depois do desastre, todo mundo quer tirar o seu da reta. Etelvina riu, ironicamente (a ironia era ampliada pelas sardas e pelo sinal na ponta do nariz), e me perguntou, na chinfra: “Você sabia da reação do Telê? Não? O idiota do Eremildo não lhe falou?”

E, após ter feito a sua observaçãozinha, relatou o seguinte sobre o nosso técnico.

Telê entrou na pequena sala de entrevistas, acompanhado de Robério Vieira, relações públicas da delegação brasileira. Ao fundo, seu filho René, de olhar apreensivo, a esperar pelo pai. Na sala, um ambiente de tensão, jornalistas brasileiros e italianos todos ainda perplexos, todos surpreendidos. Os brasileiros com a derrota inesperada; os italianos com a vitória, porém ainda mais surpresos.

— Não houve erro tático, mas falhas individuais. Atacamos, criamos situações de gol, aproveitamos duas falhas na defesa, os italianos aproveitaram três. Para mim, jogamos melhor que contra a Argentina, principalmente no primeiro tempo, e saímos perdendo. Naqueles jogos, saímos vencendo imerecidamente. Coisas do futebol.

Enquanto sua resposta era traduzida para o francês, o italiano e o inglês, o técnico brasileiro não conseguia disfarçar a tristeza interior. Olhar distante, semblante visivelmente abatido, tentava inutilmente manter-se atento às ininteligíveis palavras que ouvia. Telê classificou como “inteligente e habilidoso” o artilheiro italiano Paolo Rossi. Ao responder uma pergunta, que indagava se a seleção foi deficiente na marcação de Rossi, ele observou que “um craque sempre encontra espaço. Como Sócrates também encontrou”.

— Terá sido excesso de confiança do time? Qual será seu futuro como técnico? — perguntou um jornalista.

— Não foi excesso de confiança, pois, desde que assumi a responsabilidade de treinar a Seleção Brasileira, nunca disse que viríamos à Espanha ganhar, mas disputar um título. O time é bom, convoquei os melhores jogadores, nos preparamos, fizemos um trabalho digno. Mas futebol é resultado. Isso eu sei, e nesse momento o que vale é que perdemos um jogo que não podíamos perder. Por isso, não sei qual será meu futuro, se continuarei na seleção, se vou dirigir um clube, se vou para casa. Se todos se unirem, imprensa, torcida, dirigentes, técnico, acho que dá para manter o padrão de nosso futebol, evoluir ainda mais e conquistar as glórias que indiscutivelmente merecemos.

— De acordo, Telê — disse um jornalista italiano. — Aproveito para agradecer-lhe o maravilhoso espetáculo que acabamos de assistir, inigualável e que só o Brasil sabe proporcionar.

— Eu que agradeço, em nome do futebol brasileiro.

E retirou-se, emocionado, aplaudido durante mais de um minuto por todos os jornalistas.

Pois ali está a Elegância em pessoa, viu, ô Roberval? O homem sabe virar o jogo. Pelo menos, fora do campo, né? Eh, eh!